

Ex-líbris: a memória de uma técnica

Ex-libris: la memoria de una técnica

Instructions Bookplates: the memory of a technique

Márcia Della Flora Cortes¹

João Fernando Igansi Nunes²

Resumo

A presença de um ex-líbris, marca de propriedade, além de revelar uma etiqueta gráfica com técnicas de impressão específicas, designa valores estéticos e informacionais próprios da cultura visual que atraem a atenção, principalmente de colecionadores. O ex-líbris documenta não só a relação entre o proprietário e uma obra, documenta uma técnica, representa a arte de uma época, gostos, predileções e, sobretudo a memória gráfica. Nessa esteira, o presente estudo reflete sobre a potência destes objetos operarem como portadores de uma identidade que contém substrato para a memória social a partir de suas características de re-apresentação. Contemplando uma breve análise, como instância metodológica, este estudo desenvolve-se a partir da seleção de Ex-líbris brasileiros em xilogravura presentes no Museu de Arte Frederikshavn Kunstmuseum na base “The digital Exlibris Museum” e aponta em tese, como conclusão parcial, que estes objetos re-apresentam um padrão estético próprio de autor, de proprietário e de técnica de produção, evidenciando aspectos da cultura visual que compõe a memória social.

Palavras-Chave: Ex-líbris; Memória; Identidade; Cultura visual.

Resumen

La presencia de un ex-libris, marca de propiedad, además de revelar una etiqueta gráfica con técnicas de impresión específicas, nombra valores estéticos e informativos propios de la cultura visual que atraen la atención, principalmente de coleccionistas. El ex-libris documenta no sólo la relación entre el propietario y una obra, sino una técnica, representa el arte de una época, los gustos, las predilecciones y, sobre todo la memoria gráfica. Con esta visión, el presente estudio refleja sobre la potencia de estos objetos operar como portadores de una identidad que contiene sustrato para la memoria social a partir de sus características de re-presentación. Al agraciarse un breve análisis como una instancia metodológica, este estudio se desarrolla a partir de la selección de ex-libris brasileños en xilografía presentes en el Museo de Arte FrederikshavnKunstmuseum en la base “The digital Exlibris Museum” y apunta en tesis, como conclusión parcial, que estos objetos representan una norma estética propia de autor, de propietario y de técnica de producción, evidenciando aspectos de la cultura visual que componen la memoria social.

Palabras claves: Ex-libris; Memoria; Identidad; Cultura visual.

Abstract

The presence of a bookplate, a property brand, besides revealing a graphic label with specific printing techniques, designates aesthetic and informational values peculiar to the visual culture that attracts the attention, mainly of collectors. Bookplate documents not only the relationship between the owner and a work, but also documents a technique, represents the art of an era, tastes, predilections and, above all, graphic memory. In this context, the present study reflects on the power of these objects to operate as carriers of an identity that contains substrate for social memory from its characteristics of re-presentation. Considering a brief analysis, as a methodological instance, this study is developed from the selection of Brazilian Bookplate in woodcuts present

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas; RS; Brasil; marciadfc@yahoo.com.br

² Doutor em Comunicação e Semiótica, PUC/SP; Brasil; fernandoigansi@gmail.com

at the Frederikshavn Kunstmuseum Art Museum at the base "The Digital Exlibris Museum" and points out in thesis as a partial conclusion, that these objects re-present an own aesthetic pattern of author, owner and production technique, evidencing aspects of the visual culture that composes social memory.

Keywords: Bookplates; Memory; Identity; Visual culture.

1. Introdução

A sociedade, ao longo do tempo, constrói sua história e identidade por meio da produção cultural humana, ou seja, conserva alguns hábitos e ao mesmo tempo, transforma e modifica outros, pela adaptação e fusão com diferentes culturas. Assim, agrega e até mesmo desenvolve novos costumes.

Por meio das tradições e das técnicas cria-se um mundo simbólico, que influencia diretamente na identidade dos sujeitos e através disso, realiza-se o ato de lembrar. Logo, permeando este contexto, temos o surgimento dos ex-líbris, etiquetas que possuem como função principal marcar a propriedade de um livro, enquanto representam um indivíduo ou instituição, representam também a memória de uma técnica.

Dessa forma, constitui-se um hábito cultural movido pelo sentimento de posse de indivíduos ou instituições que se preocupavam em identificar seu pertencimento. Em vista disso, temos, hoje, o legado dos ex-líbris que nos permitem melhor conhecer a memória gráfica nacional e a própria identidade desses impressos.

A prática de utilizar ex-líbris ocorreu de maneira diferente nos diversos países, chegando a prosperar e a tornar-se objeto de coleção. Entretanto, hoje, no Brasil, é praticamente esquecido e ignorado, visto que houve um certo interesse dos colecionadores e proprietários e um posterior declínio no século XX. Assim, os estudos sobre essa marca de propriedade são restritos e ainda insipientes.

Diante do exposto, o presente estudo tem o objetivo de refletir sobre a potência dos ex-líbris operarem como objetos portadores de uma identidade que contém substrato para a memória social a partir de suas características de re-apresentação.

Como metodologia, esse estudo trata de uma pesquisa qualitativa e utilizou-se o método hipotético-dedutivo para compreender as imagens, na perspectiva de que representam a memória de uma técnica, identificam e integram a cultura visual do país. A coleta dos dados ocorreu de modo on-line no portal do Museu de Arte de Frederikshavn, o qual disponibiliza um dos maiores bancos de dados digital de imagens de ex-líbris do mundo, "The digital Exlibris Museum". Para a delimitação dos dados, filtrou-se na busca por país, ex-líbris existentes no Brasil da artista Dione Rabelo, em xilogravura.

2. O ex-líbris

A história do ex-líbris iniciou a muitos anos antes da criação do livro como o conhecemos hoje. A necessidade de comunicar e conseqüentemente registrar a informação fez com que o homem utilizasse diversos suportes que com o tempo, foram evoluindo, bem como a marca bibliográfica. Desde seus primórdios, o ex-líbris tem o sentido de marcar a posse sobre determinado material informacional.

A mais antiga marca de posse de livro conhecida remonta a cerca de 3500 anos. É uma tabuleta de faiança azulada, utilizada como tampa de caixa onde se guardavam os rolos de papiro do Livro do Sicômoro e da Tamareira, pertencente à biblioteca do faraó Amenófis III, que viveu e reinou cerca de 1400 A.C. (MACHADO, 2014, p. 11)

De acordo com Bertinazzo (2012, p. 25) o ex-líbris é “uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colada na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro, valorizando-o”. Nas palavras de Manuel Esteves (1956, p. 31), é um “indicativo de propriedade, uma marca de posse bibliográfica, que vai desde o nome do possuidor, manuscrito na capa, folha-de-guarda ou primeiras folhas do volume, até a folha solta, de papel, pano ou pele”. Em ambas as concepções, comporta-se como um símbolo que atua como um vetor de transmissão cuja função primordial é representar o dono da obra e portanto, um elemento de reconhecimento identitário.

Essa etiqueta, conforme destaca Esteves (1956, p. 19) “tem força de escritura pública pois mesmo que não contenha o nome do proprietário, todos respeitam seu direito de posse” e interessa apontar que opera como um sinal de distinção social, bem como um sutil lembrete de pertencimento permitindo identificar o dono e evitar perdas ou mesmo roubos.

O ex-líbris normalmente constitui-se da palavra ex-líbris, que provém do latim e significa “Dos livros de...”, indicando o seu pertencimento, seguida em geral pelo nome do proprietário da obra, que aparece após a segunda metade do século XVIII (BERTINAZZO, 2012). De acordo com Bezerra (2006), o ex-líbris surgiu com seu sentido funcional na Alemanha e foi introduzido no Brasil apenas no final do século XVIII.

Observa-se que embora o ex-líbris surja do desejo de um proprietário de livros, ele pode ser encomendado a um artista que recebe a incumbência de produzi-lo de acordo com os gostos e preferências de seu solicitante. Essa ação caracteriza a representação que o artista faz sobre a idealização do proprietário da obra, ou seja, a performance e interpretação do ilustrador sobre aquilo que um sujeito expressa e gostaria de ter presente em sua marca de

propriedade. De acordo com Bertinazzo (2012, p. 31) “[...] existe uma colaboração estreita e harmônica entre o encomendador do trabalho e o artista que o realiza”. A partir dessa análise, entende-se que há uma identidade construída pela cooperação entre o proprietário da obra e o artista que faz o design gráfico do ex-líbris.

Segundo Bertinazzo (2012, p. 31) “Enquanto se prestavam a identificar o livro, sintetizavam as tendências intelectuais, morais, literárias, científicas, enfim, os traços culturais de seu tempo e os ideais de seu encomendador.” Dessa forma, o ex-líbris apresenta uma narrativa, onde as imagens visuais representam rastros, indícios de um mundo próprio, uma vez que constituem a redescrição da realidade de um indivíduo, podem ser interpretadas e recontextualizadas pelo leitor de acordo com suas experiências e memórias que despertam.

O design gráfico fica a cargo do artista e segundo Stelling (2014, p. 174) é “composto de imagens e letras, e todo ex-líbris apresenta, necessariamente, o nome do proprietário ou algum signo que o identifique (monograma, abreviatura, brasão).” O resultado desse trabalho gráfico, remete a verdadeiras obras de arte em miniatura, o que tornou este objeto desejo de muitos colecionadores e, conforme Benoît Junod (2015), existe aproximadamente cerca de 10.000 em todo o mundo.

Com exceção de alguns poucos casos isolados anteriores, foi no final do século XIX que as pessoas começaram a colecionar o ex-líbris, como um campo das artes gráficas aplicadas de interesse histórico, artístico, sociológico e bibliófilo. (JUNOD, 2015, tradução nossa).

Entende-se que a partir do momento em que os ex-líbris passaram a agregar elementos de maior caráter artístico, coincidindo com a inserção do Movimento Modernista pelo mundo é que se teve uma expansão do colecionismo. Destaca-se que a produção de ex-líbris teve dois importantes períodos, o clássico que iniciou no século XV e predominou até o século XIX e o modernista que iniciou no século XIX. A mudança no estilo que ocorreu na produção de ex-líbris com o movimento modernista, provocou uma regeneração estética com a introdução de cores e formas que concediam um maior caráter artístico e criativo a fim de buscar no novo uma identidade e liberdade criadora.

Esse cunho artístico acaba despertando o desejo do colecionismo, transformando essas marcas numa forma independente de arte, fato contestado por exlibristas ortodoxos. Segundo eles, o *ex libris* nasceu agregado ao livro e não tem vida própria fora desse seu abrigo original (BERTINAZZO, 2012, p. 41).

O livro tem o poder de legitimar o ex-líbris enquanto uma marca de propriedade, dotada de valores artísticos. Entretanto, é interessante refletir seu papel como um item de coleção, independente do livro, visto que ele é colecionado e objeto de desejo pelas suas características formais e artísticas que expressam a cultura humana através da arte.

O ex-líbris estabelece uma relação documental entre o proprietário de uma obra e o livro, já que seu valor ultrapassa uma simples etiqueta e agrega valor artístico de uma técnica de produção. Com isso, tem o poder de transformar um objeto em algo simbólico e capaz de aflorar a memória, materializando-se pela gravura.

3. Xilogravura: memória e técnica de produção de ex-líbris

O ex-líbris é tradicionalmente produzido por meio de diferentes processos e técnicas de gravura e, atualmente, se utiliza até mesmo a impressão em offset. Conforme destaca Bertinazzo (2012), a gravura enobrece o ex-líbris, consiste em um processo inteiramente artesanal e minucioso, em que um artista está em contato direto com a obra.

Enquanto elemento impresso e artístico, que embeleza a obra, representa um indivíduo ou instituição e integra a memória social. De acordo com Stelling (2014), a Federação Internacional de Sociedades de Ex-Líbris, por convenção, adotou-se símbolos para cada técnica utilizada. São 20 diferentes técnicas de gravura, entre as quais destaca-se: xilogravura à veia (X1), água-forte (C3), linoleogravura (X3), buril, gravura em aço (C1), litografia (L) entre outras. Observa-se que ainda podem ser usadas mais de uma técnica em um mesmo ex-líbris e por isso, são considerados mistos.

Conforme Mauro Andriole (2003), a quantidade de cópias de uma matriz é definida quando a imagem é considerada ideal e o artista edita, assina, numera e data as gravuras. O número total de cópias e do exemplar da gravura é colocado, de modo geral, na parte inferior esquerda. Embora existam várias cópias em xilogravura, a qualidade e a fidelidade das imagens permanecem a mesma, o que as torna exemplares únicos e originais. Por isso, de grande valor e caráter artístico.

Antonio Costella (1987) aponta que inúmeros são os sentidos da gravura, mas todos eles têm em comum a ideia de fazer com que uma informação permaneça. Segundo o autor, gravar é consolidar um significado para o futuro, isto é, deixar uma marca.

Na referida marca bibliográfica fica impressa a “alma” de seu proprietário, traduzida pela arte e talento de grandes artistas ou até mesmo de anônimos. Por intermédio delas podemos analisar os seus anseios e sentimentos mais profundos, revelando o sentimento de amor aos livros. (MULIN, 2017, p. 78).

Tais sinais são como rastros que documentam a memória de uma técnica. Em relação à memória, interessa apontar que conforme Maurice Halbwachs (1990) os indivíduos constroem suas lembranças inseridos num meio social, como em família, no trabalho, em grupos de amigos, etc. O passado é então reconstruído conforme as molduras sociais que determinam o que é lembrado, comemorado ou esquecido pelos indivíduos dando a dimensão do sujeito em relação ao tempo e espaço.

Dessa maneira, a memória está associada aquilo que lembramos e esquecemos, refletindo-se na construção de identidades e organização social, política e cultural das nações visto que lembramos porque estamos inseridos e habitamos grupos. Embora o ato de lembrar dependa sempre de um sujeito, são as experiências vividas em coletivo que se tornam referências para a construção da memória e identidade.

Nesse contexto, os ex-líbris como objetos, podem representar características de grupos sociais, identificando brasões de família, grupos religiosos, grupos escolares, instituições de ensino, gostos, profissões, lugares habitados, paisagens e inclusive a linguagem, com alguma expressão que sintetize ideais de um proprietário de livros e assim, permite aflorar a memória.

Destaca-se os ex-líbris produzidos a partir da xilogravura, uma técnica que se utiliza da madeira como matriz para entalhar a gravura, através de um objeto cortante, semelhante a um carimbo. Uma tinta é colocada na gravura entalhada sobre uma superfície e após alguns minutos obtém-se uma imagem.

Em relação à xilogravura no Brasil, é interessante ressaltar que, num primeiro momento, a sua manifestação se deu sob um viés utilitário, como uma antecipação do estatuto que ela assumiria posteriormente.

O lado funcional da xilogravura se manifesta nas cartas de baralho, nos rótulos, mas vai ser nos jornais que ela atinge a plenitude de utilização dentro o que está sendo proposto como mediático. Ela não se limitou, no entanto, a servir como identificação ou adorno, passando a instrumento de sátira política, a substituir dos portraits, enquanto a fotografia não chegava à imprensa e à informação de matérias jornalísticas e “reclames” publicitários (CARVALHO, 1995, p. 148)

A xilogravura, portanto, ganhou espaço com o meio jornalístico e posteriormente consolidou-se no meio artístico como técnica de produção cultural. Assim, é uma forma de expressão para além do texto, que ao longo do tempo foi incrementada pela arte. A sua técnica passou de um mero recurso tipográfico para uma manifestação artística, que se preocupa com a cultura visual e identidade para dar sentido aos objetos, inclusive aos Ex-Líbris.

4. Cultura visual e identidade

Entende-se que com a cultura visual pensamos a arte na cultura e na sociedade. A cultura visual preocupa-se com a experiência visual transmitida considerando-se o contexto histórico e local em que estamos inseridos, uma vez que integram e constituem um universo cultural. Sérvio (2014, p. 198) aponta que “Para compreendermos os enfoques da cultura visual devemos nos dedicar à visualidade, ou seja, à dimensão cultural do olhar, dimensão histórica e contextual.” Com isso, abrange a memória da técnica da produção de ex-líbris, bem como a memória social nele representada.

Através das manifestações artísticas somos provocados a um novo modo de olhar para os objetos. Percebe-se que os ex-líbris ultrapassam a sua função utilitária e agregam a arte em sua representação de acordo com o período criado. Os tradicionais ex-líbris de motivos heráldicos reverenciavam o poder da nobreza, apresentavam brasões, que pela sua forma e cor, eram simbólicos e reconhecidos facilmente pela sociedade da época. Ao longo do tempo foram substituídos por outros estilos, como por exemplo, o modernista, art nouveau, arte déco, entre outros. Esse exemplo mostra que as marcas de propriedade incorporam aspectos vigentes na cultura a qual foram criados, como cores, tintas, desenhos e técnicas específicas e, assim, contém substrato para a memória.

A arte, como resultado da cultura humana, é uma ampla categoria que abrange desde obras monumentais até pequenos objetos. Conforme Argan e Fagiolo (1992) “No extremo oposto da escala dimensional, podem ser arte as miniaturas ou as gravuras que ornamentam as páginas de um livro, as pedras preciosas, as moedas, etc.” Corroborando com os autores, as marcas bibliográficas, dotadas de valor artístico, embelezam os livros ao mesmo tempo em que determinam a posse, transmitem informações a partir de uma representação da realidade ou então inspirada nela.

O valor artístico de um objecto é aquele que se evidencia na sua configuração visível ou como vulgarmente se diz, na sua forma, o que está em relação com a maior ou menor importância atribuída à experiência do real, conseguida mediante a percepção e a representação. Qualquer que seja a sua relação com a realidade objectiva, uma forma é sempre qualquer coisa que é dada a perceber, uma mensagem comunicada por meio da percepção. As formas valem como significantes somente na medida em que uma consciência lhes colhe o significado. (ARGAN; FAGIOLO, 1992, p. 14).

O ex-líbris ao representar um proprietário de livro através de uma forma, de um signo ornamentado e artístico tem a capacidade de transformar a percepção e legitimar o valor de

uma obra. Considerando-se a dimensão material e imaterial da arte, atribui-se raridade aos ex-líbris à medida que ocorre o reconhecimento pela sociedade dos elementos que o compõe.

Tota (2000, p. 98) compreende a arte como uma tecnologia da memória uma vez que tem o poder de legitimar valores e em decorrência identidades. Os artefatos, bem como ex-líbris, são vestígios do passado que objetivam a memória e como códigos expressivos, não são neutros, por isso entende-se que são construídos e reproduzidos socialmente como forma de reivindicação de identidades.

[...] a memória tem a sua sede não apenas na mente das pessoas, mas também nos objectos, nos artefactos culturais e simbólicos. Aliás, mais propriamente, poderemos dizer que a memória tem sede na mente das pessoas, mas que esta última assemelha-se muito mais a um aposento muito mobiliado do que a um quadro em branco. (TOTA, 2000, p. 103).

Nessa perspectiva, os ex-líbris materializam, dão forma à memória e potencializam a recordação social por serem objetos que agregam informações através da arte. Com isso, documentam relações, a cultura e a própria arte por meio de um objeto autêntico que provoca uma experiência estética a partir daquilo que nele se reflete.

Como objetos da cultura visual, faz-se necessário compreender que o ex-líbris contempla a experiência visual num determinado contexto histórico e social no qual o sujeito está inserido. Corroborando com essa argumentação, Santaella e Nöth (1997, p. 15) esclarecem que “Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais.” Pode-se dizer, então, que é possível haver uma relação entre a expressão, o conteúdo de um ex-líbris e a realidade.

A partir de uma perspectiva antropológica, Candau (2016) reflete que a memória tem um papel fundamental na formação de identidades visto que uma sociedade lembra ou esquece legitimando discursos, comportamentos, atitudes e até posicionamentos políticos e sociais. Dessa forma, a cultura visual do ex-líbris faz parte de um constructo que compõe a memória gráfica nacional.

Segundo Candau (2016, p. 47) “Uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças” estabelecendo uma relação direta com a identidade, que é reconstruída de forma dinâmica na sociedade. Com isso, temos as marcas de propriedades, que como vestígios são herdadas pelos homens e enriquecem a memória gráfica nacional, evidenciam a pluralidade

artística do país, identificam narrativas visuais e, sobretudo, promovem a memória social como um todo, pela representação simbólica do mundo dos sujeitos.

5. Resultados e discussões

O proprietário de uma obra bibliográfica ao buscar um artista para a produção de ex-líbris preocupa-se com o design das obras produzidas por ele. Esse fato implica na seleção de alguém que vai de encontro as suas expectativas e predileções, uma vez que leva-se em conta a qualidade de seu trabalho como um todo e os aspectos que realmente importam para o dono da obra.

Observa-se que, de modo geral, a riqueza de detalhes e o estilo próprio de um artista permitem afirmar que existem traços capazes de identificá-lo e também vincular a um determinado período e estilo. Logo, os elementos formais são capazes de diferenciar um trabalho de outro, como a técnica utilizada, a presença de sombra, as massas de cor, os motivos religiosos, entre outros elementos.

Em relação às obras analisadas, percebe-se que Dione Rabelo é procurada para produzir ex-líbris de temática religiosa em xilogravura à veia. Nessa técnica, conforme explanado, a madeira é cortada no sentido do comprimento, o artista entalha um desenho na madeira e posteriormente aplica tinta nos relevos esculpidos. A partir daí, utiliza-se uma prensa para pressionar a madeira contra uma superfície e assim, transferir uma imagem, conforme as figuras 1, 2, 3 e 4 a seguir:



Formato: Retangular
Imagem: Anjo
Texto: EXL Artur da Mota Miranda
Padrão cromático: Azul
Cores chapadas
Predominância de superfície plana
Técnica: Xilogravura (X1)
Proprietário: Artur Mario da Mota Miranda
Artista criador: Dione Rabelo
Tamanho: 125mm x 111mm
Nº de cópias: 20
Nº do exemplar: 5

Figura 1 – Ex-libris produzido pela artista Dione Rabelo em 2014
Fonte: Frederikshavn Kunstmuseums (2018)



Formato: Retangular
Imagem: Virgem Maria e menino Jesus
Texto: EXL Fran Lima
Padrão cromático: Amarelo
Cores chapadas
Predominância de superfície plana
Técnica: Xilogravura (X1)
Proprietário: Fran Lima
Artista criador: Dione Rabelo
Tamanho: 125mm x 91mm
Nº de cópias: 20
Nº do exemplar: 6

Figura 2 - Ex-líbris produzido pela artista Dione Rabelo em 2014
Fonte: Frederikshavn Kunstmuseums (2018)



Formato: Retangular
Imagem: Virgem Maria
Texto: Ex sirbiL Maria Pereira Luna
Padrão cromático: Azul
Cores chapadas
Predominância de superfície plana
Técnica: Xilogravura (X1)
Proprietário: Maria Pereira Luna
Artista criador: Dione Rabelo
Tamanho: 178mm x 85mm
Nº de cópias: 30
Nº do exemplar: 15

Figura 3 - Ex-líbris produzido pela artista Dione Rabelo em 2015
Fonte: Frederikshavn Kunstmuseums (2018)

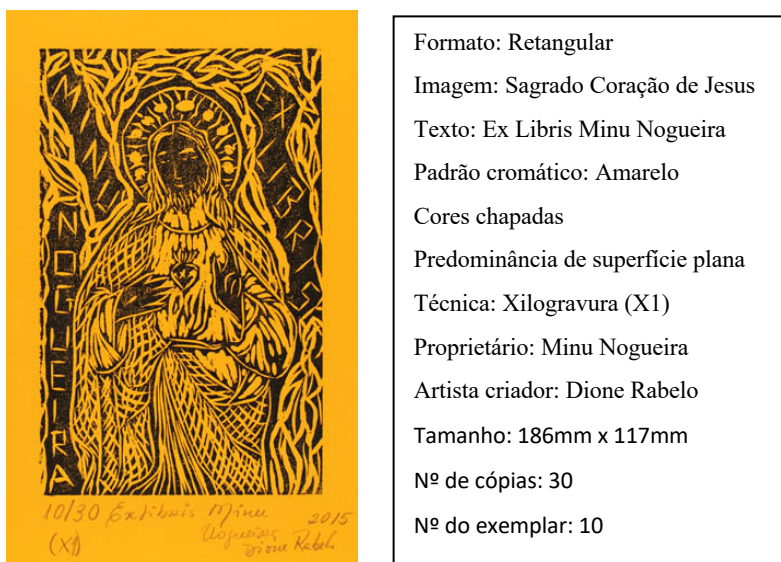


Figura 4 - Ex-líbris produzido pela artista Dione Rabelo em 2015
Fonte: Frederikshavn Kunstmuseums (2018)

Os exemplares da referida artista apresentam motivos religiosos, com a presença de um anjo, da Virgem Maria, do Menino Jesus e do Sagrado Coração de Jesus, ícones e símbolos consagrados na cultura mundial.

As figuras 1 e 2 são assimétricas e apresentam os personagens em posição lateral, onde percebe-se o perfil de cada uma, enquanto que a figura 3 e 4 são predominantemente simétricas e apresentam personagens em posição frontal.

O formato de todos os ex-líbris é retangular, embora as medidas de cada um deles variem. Pode-se ainda observar a presença de cores predominantes, o azul nas figuras 1 e 3, enquanto o amarelo nas figuras 2 e 4 são marcantes, em tons fortes. Observa-se também a presença de cores chapadas e que contrastam com os traços das imagens bem delineadas.

Considerando-se que cada exemplar é único, mantém-se a qualidade das imagens em todas as cópias, e assim há obras originais e autênticas, de grande valor artístico.

6. Conclusões

Considera-se que os ex-líbris são objetos com representação explícita da realidade em que estava inserido um indivíduo, revelando gostos e predileções do proprietário de um livro a partir de rastros, como a técnica de xilogravura.

Deste modo, o passado é re-apresentado através da técnica utilizada na produção do ex-líbris, que somado a outros elementos visuais valorizam a obra e permitem-nos conhecer e reconhecer a identidade. Por conseguinte, revelam a memória social na medida em que refere-

se à realidade particular do proprietário do livro e do artista inserida num contexto coletivo e social.

A autenticidade e expressão artística das marcas de propriedade conferem um maior valor ao ex-líbris, visto que possui um design único e em conformidade com o pensamento de seu possuidor. Logo, o ex-líbris está relacionado à necessidade do ser humano comunicar e transmitir informações através de um suporte que ao gravar, representa a sua personalidade, e ainda carrega consigo a memória de uma técnica e de uma cultura.

Portanto, a partir da análise das referidas obras da artista Dione Rabelo, a presença de determinados elementos como cores, temática e técnicas utilizadas, evidenciam um padrão estético e artístico, de um período, próprio do artista e também do proprietário da obra que permitem o reconhecimento da sua identidade e da memória social.

Referências

ANDRIOLE, Mauro. *Gravura: conceito, história e técnicas*. 2003. Disponível em: <http://www.casadacultura.org/arte/Artigos_o_que_e_arte_definicoes/gr01/gravura_conceito_hist.html>. Acesso em: 17 ago. 2018.

ARGAN, Gaiulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. *Guia de história da arte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. *Ex Libris: pequeno objeto de desejo*. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

BEZERRA, José Augusto. Ex-Líbris: a marca de propriedade do livro. *Revista do Instituto do Ceará*, p. 129-136, 2006.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura: os percursos da criação popular. *Rev. Inst. Est. Bras.*, SP, 39, p. 143-158, 1995.

COSTELLA, Antonio F. *Introdução a gravura e história da xilografia*. São Paulo: Mantiqueira, 1987.

ESTEVES, Manuel. *O Ex Libris*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1956.

FREDERIKSHAVN KUNSTMUSEUM & EX-LÍBRISAMLING. *Art-Ex-Libris.net: the digital Ex-Libris museum*. Disponível em: <<http://art-Ex-Libris.net/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, c1990.

JUNOD, Benoît. *What are Ex-Libris?* 2015. Disponível em:
<<http://www.aed.org.tr/en/ekslibris/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

MACHADO, Ubiratan. Sua excelencia, o Ex-Líbris. In: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). *Livro dos Ex-Libris*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 9-45.

MULIN, Rosely Bianconcini. Ex-Líbris: a desconhecida arte, tão antiga quanto o próprio livro. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 64-81, jan./jun. 2017.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. O que estudam os estudos de cultura visual? *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 7, n.2, p. 196-215, mai./ago.2014. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/index.php/revislav/article/view/12393>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

STELLING, Luiz Felipe. Ex-Líbris como objeto de estudo e coleção. In: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (orgs). *Livro dos Ex-Libris*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. p. 174-177.

TOTA, Anna Lisa. *A sociologia da arte: do museu tradicional à arte multimédia*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.